

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

LEANDRA DE AGUIAR CAETANO

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DOCENTE PARA O  
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE EDUCANDOS DAS SÉRIES  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

LEANDRA DE AGUIAR CAETANO



**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DOCENTE PARA O  
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE EDUCANDOS DAS SÉRIES  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Paranavaí, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Me. Cidmar Ortiz dos Santos.

MEDIANEIRA

2013



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

### A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DOCENTE, PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE EDUCANDOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Por

**Leandra de Aguiar Caetano**

Esta monografia foi apresentada às 19:40 h do dia 29 de novembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Paranavaí, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Cidmar Ortiz dos Santos.  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientador)

---

Prof Dr. Diego Venâncio Thomaz.  
UTFPR – Câmpus Medianeira

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Rafaela Greici da Motta Camicia  
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram nesta jornada, ao meu mestre da vida Daisaku Ikeda pelos constantes incentivos, a todos os meus professores, desde as séries iniciais até agora, todos de uma forma ou de outra me conduziram nesta construção do conhecimento, e aos meus amigos eternos companheiros.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu mestre da vida Daisaku Ikeda pelos contínuos incentivos, e por me ensinar o quão importante é perseverar para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor Me. Cidmar Ortiz dos pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Sonhem, ainda que o sonho pareça impossível  
Suportem a dor, ainda que esta pareça  
insuportável  
Lutem, ainda que o inimigo pareça invencível  
Corram para onde o bravo não ousa ir  
Transformem o mal em bem,  
Ainda que seja necessário caminhar mil milhas  
Amem o puro e inocente,  
Ainda que seja inexistente  
E no final alcançarão aquela estrela,  
Embora esta pareça inalcançável.”  
(DAISAKU IKEDA)

## RESUMO

CAETANO, Leandra de Aguiar. A Importância da Afetividade Docente, para o Desenvolvimento Cognitivo de Educandos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. 2013. Trinta e sete folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática a afetividade. Investiga a influência da afetividade docente no desenvolvimento cognitivo de educandos das séries iniciais do ensino fundamental, compreendendo a relação afetiva estabelecida entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem, observando assim os benefícios dessa relação. Para elucidar essas questões buscou-se o referencial teórico de vários autores, dentre eles Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon. Os principais objetivos da pesquisa foram analisar a importância da afetividade docente para o desenvolvimento cognitivo do educando das séries iniciais; investigar a influência da relação afetiva estabelecida entre educador e educando no desempenho profissional do professor; determinar as consequências para o desenvolvimento infantil quando privado de afetividade docente na escola e averiguar os benefícios da afetividade docente para o desenvolvimento integral do aluno. A pesquisa ancora-se na contextualização do referencial bibliográfico constante em livros, revistas científicas, artigos, sites, entre outros, buscando as contribuições da história cultural, referencial que permite um novo modo de olhar a relação entre professor e aluno e seus resultados no processo de ensino e aprendizagem. Com este estudo pode-se afirmar que a afetividade é de extrema importância para a saúde mental de todos os seres humanos. Pessoas com doenças emocionais podem desenvolver doenças físicas, além disso, este estado psicológico afeta o desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo, pois este é um todo composto de matéria física e emocional. Sendo assim, a escola deve proporcionar ao educando o desenvolvimento da sua afetividade integralmente, considerando todas as suas emoções e reações, incentivando a troca de sentimentos, para que este se torne um adulto com autoestima e segurança emocional. O professor exerce um papel fundamental nesse processo, tornando a relação afetiva entre professor e aluno algo de suma importância para sua aprendizagem.

**Palavras-chave:** Professor. Aluno. Aprendizagem.

## ABSTRACT

CAETANO, Leandra de Aguiar. The Importance of Affection Lecturer, Development Cognitive teachers early grades of elementary school. 2013. Trinta e sete folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work was themed affectivity. Investigates the influence of affective teaching cognitive development of students of the lower grades of elementary school, understanding the emotional relationship established between teacher and student in the process of teaching and learning , thus obeying the benefits of this relationship . To elucidate these issues we sought the theoretical framework of various authors , including Jean Piaget , Lev Vygotsky and Henri Wallon . The main objectives of the study were to analyze the importance of affective teaching for cognitive development of the student of the initial series ; investigate the influence of affective relationship established between teacher and student in the teacher's professional performance and determine the consequences for child development when deprived of affection teaching in the school and find out the benefits of affective teaching for the development of the student . The research is anchored in the context of bibliographic references contained in books , journals , articles , websites , among others , seeking the contributions of cultural, framework that enables a new way of looking at the relationship between teacher and student and their results in the process of teaching and learning. With this study we can affirm that the affection is of extreme importance to the mental health of all human beings. People with emotional illnesses can develop physical diseases, moreover, this psychological state affects the development and learning of the individual, because this is a whole composed of physical and emotional matter. Thus, the school must provide to educating the development of his affection, considering all your emotions and reactions, encouraging the exchange of feelings, so that this becomes an adult with self-esteem and emotional security. The teacher plays a key role in this process, making the affective relationship between teacher and student something of paramount importance to their learning.

**Keywords:** Teacher. Student. Learning.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
3.1 AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR.....	13
3.2 AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM.....	18
3.3 AFETIVIDADE DOCENTE.....	21
3.4 AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL.....	25
3.4.1 Teoria do Desenvolvimento de Jean Piaget.....	25
3.4.2 Teoria do Desenvolvimento de Lev Vygotsky.....	27
3.4.3 Teoria do Desenvolvimento de Henri Wallon.....	29
3.4.4 A Afetividade como Recurso Mediador da Aprendizagem.....	31
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O despertar para essa pesquisa decorreu da constatação de que o trabalho docente é permeado por várias interações nas quais a afetividade está presente, e é isso que será focado como aspecto facilitador para o desenvolvimento cognitivo dos educandos.

Atualmente a afetividade e a cognição têm ganhado destaque nos estudos desenvolvidos por diversos estudiosos, devido ao seu grau de importância. Se considerarmos a imensa quantidade de relações interpessoais que o indivíduo passará durante o processo de ensino e aprendizagem, é coerente afirmar que a escola é um ambiente capaz de agregar valor a uma criança, marcando sua vida em todos os aspectos e o docente exerce um papel fundamental nesse processo.

Esses aspectos sejam eles positivos ou negativos podem ser levados no decorrer do tempo, influenciando o aprendizado do aluno ao longo de sua vida acadêmica. A escola deve oferecer um ambiente que favoreça a formação intelectual e pessoal do discente. Além de oferecer um campo de atuação para o docente que favoreça sua plena realização profissional.

A problemática abordada nesta pesquisa será: como a afetividade docente pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo das crianças das séries iniciais? Delimitando-se por esta questão, o estudo pretende contribuir com a educação identificando o emprego da afetividade docente na relação educacional dentro do ambiente escolar, bem como seus benefícios para o desenvolvimento integral da criança.

Pode-se dizer que a afetividade é capaz de estabelecer um clima de confiança entre o professor e o aluno. Tornando o educador o mediador da aprendizagem do educando. Além disso, este vínculo é uma das fontes motivacionais do ensino e da aprendizagem o qual fortalece o desenvolvimento cognitivo da criança.

Tanto professor quanto aluno precisam sentir-se valorizado. Durante o processo de ensino e aprendizagem, ambos apresentam comportamentos que traduzem seus sentimentos e emoções. Assim, essa relação afetiva torna-se fundamental para o desenvolvimento de uma educação eficaz.

Pretende-se elencar elementos teóricos de relevância que envolve afetividade e cognição, a fim de contribuir para a reflexão sobre a importância e a influência da afetividade docente na construção de uma aprendizagem eficaz.

Os principais beneficiados por esta pesquisa serão o professor e o aluno. O professor terá condições de avaliar sua atuação enquanto agente facilitador e determinante do aprendizado do aluno. O educando enquanto aprendiz, terá seu aprendizado otimizado pela atuação do professor.

Sendo assim, a presente pesquisa propõe estudar a importância da afetividade docente, para o desenvolvimento cognitivo de educandos das séries iniciais do ensino fundamental.

O objetivo principal é investigar a influência da afetividade docente no desenvolvimento cognitivo de educandos das séries iniciais do ensino fundamental, compreendendo a relação afetiva estabelecida entre professor e aluno no processo de aprendizagem, observando assim os benefícios dessa relação.

Portanto, essa reflexão é fundamental para que se evidencie que a afetividade docente pode contribuir amplamente para o desenvolvimento cognitivo do discente, estreitando suas relações interpessoais e tornando o processo de ensino e aprendizagem completo, em todas as suas vertentes.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa objetiva, por meio de uma investigação qualitativa, ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural e da Perspectiva da Reflexão, investigar a influência da afetividade docente no desenvolvimento cognitivo de educandos das séries iniciais do ensino fundamental, compreendendo a relação afetiva estabelecida entre professor e aluno no processo de aprendizagem, observando assim os benefícios dessa relação.

Para tanto, buscamos conhecer por meio de pesquisa bibliográfica as representações e aspectos de aprendizagem de educandos, bem como, as estratégias de ensino e de apropriação do conhecimento. Este estudo pretende apontar, os diferentes aspectos da influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e os tipos de intervenções afetivas que favoreçam esse processo.

Para dar conta da investigação proposta pela presente pesquisa bibliográfica procuramos nos basear nos trabalhos mais recentes em torno do tema, considerando as clássicas contribuições de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon. Para uma análise mais profunda do tema procuramos contextualizar o referencial bibliográfico constante em livros, revistas científicas, artigos, sites, entre outros, visando olhar a relação entre professor e aluno sob uma nova perspectiva, apresentando assim os benefícios da afetividade no processo de ensino e aprendizagem.

Para um maior entendimento trataremos deste tema compartmentado em quatro vertentes: Afetividade no Ambiente Escolar; Afetividade e a Aprendizagem; Afetividade Docente; Afetividade no Desenvolvimento Cognitivo Infantil.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

A afetividade pode ser definida segundo diferentes perspectivas, dentre outras, a filosófica, a psicológica e a pedagógica. Neste estudo a afetividade é abordada na perspectiva pedagógica, tendo em vista a relação educativa que se estabelece entre professor e aluno em sala de aula.

Rousseau (1994) aponta a importância do educador, chamado mestre, como o primeiro passo rumo à educação adequada, promovendo assim o pleno desenvolvimento da dimensão humana do indivíduo.

Para este autor, a formação do coração caminha paralelamente com a educação. Ele afirma que, “o objetivo que devemos nos propor na educação de um jovem é o de formar-lhe o coração, o juízo e o espírito”. (ROUSSEAU 1994, p.45). Sendo assim, a afetividade se apresenta como o fio condutor do aprendizado.

No Dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade está assim definido:

“Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”.

A afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, sendo um componente importante para a aprendizagem.

Este estado psicológico do ser humano deve ser cultivado em todas as relações estabelecidas durante a vida, incluindo também a afetividade docente no ambiente escolar.

A teoria Walloniana considera a pessoa como um todo. Nesse sentido, a afetividade, as emoções, os movimento e espaço físico se encontram num mesmo plano na escola, mostrando que é necessário humanizar a inteligência.

Para Wallon (2007), a cognição e a afetividade, surgem das funções orgânicas e vai adquirindo complexidade e diferenciação na relação dialética com o

social. Em *A evolução psicológica da criança*, ele aponta a aquisição da linguagem como um fator primordial para o desenvolvimento da cognição.

Segundo a teoria Walloniana, o domínio funcional cognitivo oferece um conjunto de funções que permite: "[...] identificar e definir [...] significações, classificá-las, dissociá-las, reuni-las, confrontar suas relações lógicas e experimentais, tentar reconstruir por meio delas qual pode ser a estrutura das coisas" (WALLON, 2007, p. 117).

No ambiente escolar o professor exerce um papel fundamental na construção do conhecimento do educando. A escola, assim como a família, exerce um papel essencial na formação dos indivíduos de uma sociedade, cabe a esta instituição contribuir não só na aquisição de conhecimento no campo cognitivo, mas também na construção da personalidade do indivíduo. Libâneo (1994 p.56), explica que:

"o ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (...)"

Na relação professor-aluno, o professor por meio da afetividade, pode compreender melhor seus alunos, e se apropriar de elementos que contribuirão para que os objetivos sejam alcançados.

De acordo com Piaget, a afetividade influencia no comportamento, no aprendizado, bem como no desenvolvimento cognitivo do educando, e está presente em todos os campos da vida.

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais [...] evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis (PIAGET; INHELDER, 1990, p. 109).

A afetividade está diretamente ligada à emoção, determinando o modo como o ser humano visualiza o mundo ao seu redor. Todas as experiências vividas pelo indivíduo ficam gravadas no seu inconsciente, mediante certas situações essas

recordações se manifestam durante sua trajetória. Deste modo, a presença ou ausência da afetividade determina o seu desenvolvimento cognitivo.

Nesse momento é importante distinguir emoção e afetividade. Wallon (*apud* GALVÃO, 2003, p. 61) diferencia emoção e afetividade:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.

A criança passa um tempo considerável na escola e é lá que fazem inúmeras descobertas, estabelecem relações emocionais que levarão para a vida toda. Por essa razão, a educação escolar deve ir além da transmissão de conteúdos.

Nessa perspectiva, (VYGOTSKY, 2003, p. 121) aponta que:

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo.

Este aspecto também é comentado por Saltini (1997,p.31) que aponta que, “em primeiro lugar a educação não é uma transmissão do conhecimento, de um saber ou até mesmo de uma conduta, mas, sobretudo uma iniciação à vida.”

Para que a escola exerça sua função, é importante destacar que o ponto fundamental é a relação que o professor deve ter com o aluno:

O aluno deve sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre. (ROUSSEAU, 1994, p.23-24).

A criança que recebe afeto cresce e se desenvolve de forma saudável, tanto física como emocionalmente, demonstrando segurança e determinação. O processo de aprendizagem ocorre sem tropeços, sua cognição se desenvolve plenamente.

A escola tem a função de auxiliar no processo de absorção de conhecimentos intelectuais, mas também proporcionar o desenvolvimento afetivo entre os indivíduos, visto que uma civilização composta por pessoas desprovidas de afetividade é um campo minado, propício à autodestruição. Neste contexto cabe citar o trabalho de Saltini (1997, p.15) que enfatiza que,

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas . Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

Para Rousseau (1994) um bom professor não deve sobrecarregar seus alunos com trabalhos difíceis, mostrando-se apenas severo e zangado, construindo assim a reputação de um homem rigoroso e rude.

Dessa forma, o professor deve participar da vida dos discentes, nutrindo seus sentimentos, participando dos seus divertimentos, fornecendo atividades lúdicas que os agradem, agucem sua curiosidade, de modo que se sintam bem na escola fazendo com que o aluno busque a aprendizagem e o interesse pelos estudos por seu próprio desejo.

O professor exerce importante influência no processo escolar, sendo assim, é preciso que ele compreenda a origem do desenvolvimento emocional e o comportamento da criança em todas as suas manifestações. Souza (1970) salienta que:

Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. (...) O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação, pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades. (p. 10-11)

Dentre outros saberes o professor necessita saber que as crianças para alcançarem o desenvolvimento pleno de suas potencialidades necessitam estabelecer relações com pessoas capazes de conhecer e compreender sua subjetividade e características próprias de cada faixa etária. Saltini (Ibidem 1997, p.73) afirma que,

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

Nesse contexto, cabe ressaltar que as crianças no ambiente escolar encontram-se abertas a receber e estabelecer relação de intimidade e afetividade. Segundo Saltini (1997, p.89), “a criança deseja e necessita ser amada, aceita,

acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado”.

É evidente que o pensamento quando construído sobre bases afetivas, apresenta maiores chances de produzir reações favoráveis entre os grupos sociais.

Ao estudar a criança, Wallon (2007) não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões: motora; afetiva; e cognitiva. Sendo que, elas coexistem e atuam de forma integrada.

As emoções e os sentimentos das crianças certamente determinarão os níveis de desempenho escolar dela, sendo que, a relação afetiva desempenha papel indispensável na aprendizagem. Não é possível dissociar afetividade e cognição no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que uma completa a outra. Assim como indica (Galvão, 1996, p. 45):

Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação.

O prazer para aprender é fundamental para o processo ensino-aprendizagem. As interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todas as suas dimensões.

Ante ao que foi discutido, percebe-se o quanto a relação estabelecida entre docente e discente é importante no processo de aprendizagem. O ambiente escolar faz parte da construção da personalidade, e o professor deve conhecer cada um de seus alunos, em todas as suas vertentes, tratando-os como seres humanos que contemplam seus aspectos físicos, sociais e emocionais. A criança deve ter um espaço para se expressar e dialogar com o professor e seus colegas. Nessa infância a criança deve se preparar para as mudanças que acontecerão posteriormente em sua vida escolar.

### 3.2 AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

Muitos estudos realizados sobre aprendizagem consideram o afeto e sua influência no processo de aprendizagem. Estudiosos como Jean Piaget e Vygotsky, já atribuíam importância à afetividade no processo evolutivo, mas Henri Wallon foi além, ao considerar a pessoa como um todo.

Wallon (2007) afirma que o processo de evolução depende tanto da condição genética quanto do ambiente. O sujeito nasce com um equipamento orgânico, que lhe oferece alguns recursos. No entanto, é o meio que permitirá que essas potencialidades se desenvolvam.

O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades.

Wallon situa a noção de pessoa como o conjunto funcional resultante da integração de suas dimensões, e cujo processo de desenvolvimento ocorre na integração do orgânico com o meio, que em sua teoria é sempre predominantemente social.

As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social.

Na concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual.

Segundo Piaget (1990) a afetividade não modifica a estrutura no funcionamento da inteligência, porém, é a energia que impulsiona a ação de aprender.

Na teoria Piagetiana, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral.

De acordo com Dell'Agli e Brenelli (2006, p.32) a "ação, seja ela qual for, necessita de instrumentos fornecidos pela inteligência para alcançar um objetivo,

uma meta, mas é necessário o desejo, ou seja, algo que mobiliza o sujeito em direção a este objetivo e isso corresponde à afetividade”.

Para Vygotsky (1987), o que nos torna humanos é a capacidade de utilizar instrumentos simbólicos para complementar nossa atividade, que tem bases biológicas. A linguagem é o meio pelo qual o pensamento é construído, além de ser também o seu propulsor.

O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.

O pensamento é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. Isso significa que em qualquer etapa, em qualquer situação, ou em qualquer momento, o indivíduo está aprendendo, sendo que, à medida que aprende varia seu comportamento, seu desempenho, sua ótica, seus enfoques.

Nesta perspectiva, pode-se dizer que:

O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará (WADSWORTH, 1997, p. 23).

Na teoria de Piaget, a afetividade cumpre o papel de fonte de energia para o funcionamento da inteligência.

Ao iniciar a vida escolar a criança carrega consigo suas emoções, sentimentos, inclusive o do medo, sendo necessário um tempo de adaptação dela no ambiente escolar. Este tempo varia de acordo com cada criança, e dependerá também das relações afetivas que desenvolverá com o professor.

Sendo assim, para a criança o vínculo afetivo é essencial para o bom desenvolvimento cognitivo, como observa Hillal (1985, p.18):

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades.

No âmbito da educação infantil, a professora se inter-relaciona com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, dá-se o tempo todo, na sala, no

pátio ou nos passeios, e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente.

A escola se caracteriza para a criança como primeiro agente socializador fora da família, oferecendo as condições necessárias para que ela se sinta segura, torna-se a base de sua aprendizagem.

Segundo Saltini (1997), por meio da interação afetiva da criança com o professor e seus colegas de classe, do diálogo e da troca de informações, ela se desenvolve intelectualmente na influência mútua das atividades, favorecendo assim sua aprendizagem.

Cunha (2008) alerta para a importância de se conhecer os estágios do desenvolvimento cognitivo da criança. Tendo essa consciência o professor certamente definirá sua prática pedagógica respeitando cada etapa do desenvolvimento do discente.

Pode se dizer que a afetividade é a base sobre a qual se constrói o conhecimento. Desta forma, faz-se necessário o período de adaptação da criança no ambiente escolar, no primeiro momento, o professor conquista a confiança do aluno por meio do diálogo afetivo para só depois começar a ensinar os conteúdos.

Nesse sentido, Matessori apud Cunha (2008, p.59) diz que:

Um educador mal preparado para observar a alma infantil e o dinamismo das nuances do seu desenvolvimento cognitivo pode calçar a sua natural necessidade para o aprendizado escolar e, conseqüentemente de expressar-se. É necessário manter a prodigiosa aptidão da criança que, enquanto vive plenamente, aprende.

A autora mencionada ressalta a importância de o educador estar devidamente preparado para lidar com os alunos, que este tenha um olhar sensível no que se refere a atender as expectativas dos educandos, dando-lhes condições de mostrar suas aptidões, e que possam vivenciar momentos significativos de aprendizagem. Caso contrário o professor impede o avanço da criança, impondo-lhes consequências desagradáveis.

De acordo com Cunha (2008, p. 63):

O modelo de educação que funciona verdadeiramente é aquele que começa pela necessidade de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Ademais, a prática pedagógica para afetar o aprendente deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor.

Cunha (2008) salienta que, o educando deve ser o foco da prática pedagógica do educador, para tanto, se faz necessário que o professor reflita

constantemente sobre sua prática pedagógica com o intuito de favorecer o aprendizado do discente, respeitando suas necessidades e expectativas.

Ensinar vai além da transmissão de conhecimento, por isso a necessidade de um educador preparado para tal profissão. Para Saltini (1997) o educador precisa conhecer e ouvir a criança. Esse conhecer não é somente na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas na sua interioridade afetiva, de um ser humano com sentimentos e emoções, que busca compreender o mundo que o cerca.

Estabelecer um vínculo afetivo com o educando é tão necessário quanto aceitar o fato de que além de ser criança, um ser em construção, ele é dotado de sentimentos, necessidades físicas e emocionais. Para adentrar nesse universo infantil, conhecer o estudante é fundamental, bem como respeitá-lo na sua condição humana. Também é necessário levá-la a perceber que o aprendizado é algo prazeroso, e o seu desenvolvimento e socialização é a razão de ser do professor.

### **3.3 AFETIVIDADE DOCENTE**

O trabalho do professor no ambiente escolar é fundamental na construção do aprendizado do educando. Ele é quem estabelecerá as relações de interação e os vínculos afetivos com os discentes. No entanto, as relações estabelecidas no decorrer do processo de ensino e aprendizagem podem ser positivas ou negativas.

A criança como qualquer outro ser humano é dotada de sentimentos e emoções, ela apresenta durante o processo de aprendizagem comportamentos que traduzem esses sentimentos. Portanto, quando em contato com as relações de afetividade docente terá melhores condições de se desenvolver integralmente.

Nessa perspectiva Saltini (1997, p.20) aponta que:

A relação que o aluno estabelece com o professor é fundamental enquanto elemento energizante do conhecimento. As famosas estratégias educacionais nada mais são do que a criação de relações adequadas, afetiva, carinhos, aptas a fazer com que a criança trabalhe seu narcisismo secundário, restabelecendo sua beleza, diante de si e do mundo, na medida em que aprende.

Valorizar a relação entre professor e aluno é vital para que se criem condições de gerar uma base educacional sólida que seja capaz de atingir o seu objetivo com eficiência.

Para Kullo (2002) é necessário valorizar o desenvolvimento das relações sociais estabelecidas entre professor e aluno, entendendo que é essencial criar uma interação entre aquele que ensina e aquele que aprende, pois não havendo essa interação a aprendizagem pode não ocorrer.

Ao estabelecer a relação afetiva com o educando, o professor percebe o discente como indivíduo, compreendendo que ele também possui algo a oferecer, compreende também que aprendizagem ocorre por intermédio das interações que são estabelecidas entre eles.

No processo de aquisição do conhecimento, a criança precisa estar inserida em um ambiente que favoreça a aprendizagem. O professor como mediador desse processo, tem a função de promover um ambiente no qual o educando sinta-se seguro e motivado na busca pelo conhecimento intelectual e o conhecimento de si mesmo.

Nesse sentido Mielnik (1967 p.172) sustenta que:

As relações interpessoais do professor e alunos devem ser de tal tipo que a criança possa com absoluta liberdade tomar conhecimento, atualizar e experimentar sua própria personalidade. Os professores podem colaborar nesse sentido quando demonstram um interesse verdadeiro pela criança, respeitam sua individualidade e aceitam-na sem discriminação. Agindo dessa forma, não estaremos incrementando o egoísmo infantil e sim favorecendo a criança o conhecimento de si mesma, de suas qualidades e das tendências de sua personalidade.

No processo de ensino e aprendizagem, tanto professor quanto aluno está em constante evolução, nessa interação mutável a afetividade se mostra importante no ato de refletir sobre o sucesso ou o insucesso desse processo.

A empatia estabelecida nessa relação é permeada pelo diálogo que resulta na conquista da confiança da criança pelo professor. No entanto, essa conquista realmente se efetiva quando há por parte do professor a devida aceitação da criança como ela é.

Nesse sentido, Bueno (2011 p. 01) diz que:

É muito melhor aprender e ensinar quando existe afeto envolvido. Afeto não é apenas beijinhos, palavras melosas. Afeto é afetar. É o compromisso de transformar o outro. O coletivo. É desafiar, abrir caminhos. É dar as mãos, é generosidade. Não se educa sem generosidade. A escolha por ser professor deve passar por essa reflexão. Serei capaz de me entregar com afeto à minha profissão? Serei capaz de afetar o outro de forma a transformar a sua vida? Somos marcados por mapas afetivos para sempre! Escuto muitas pessoas dizendo que escolheram as suas profissões por conta de um professor específico. Por quê? Pela forma como esse professor afetou você pelo conhecimento. O afeto está na preparação da aula. Nas escolhas do professor. Na voz, no toque, nos pequenos gestos. No silêncio,

na forma como esse avalia. Aprendi que de nada vale estar em uma superescola, com um supermaterial, num superespaço, numa superlinha pedagógica se não há seres capazes de afetar e dispostos a serem afetados pelos outros! Afeto é o que fica. Esse afeto que percebe que o educar se faz nas miudezas. É ele que vai além de toda a tecnologia pedagógica atual.

O diálogo e o respeito ao outro deve ser o alicerce da relação entre professor e aluno. Dessa forma, tanto um quanto outro cria condições de desenvolvimento e crescimento mútuo.

Conhecer a realidade do educando, suas experiências e seus meios de aprender são fundamentais para que o professor possa desempenhar bem seu papel de mediador do conhecimento.

Este relacionamento dará suporte à atuação de cada um deles, esse processo de construção de conhecimento resultará na aprendizagem docente e discente. O professor no decorrer do processo de ensino pode aprimorar sua prática pedagógica, analisando e refletindo sobre sua metodologia. Já o educando por sua vez poderá aprender os conteúdos propostos, sentir-se mais seguro no ambiente escolar, dentre outros fatores decisivos para o seu desenvolvimento intelectual.

Sendo assim, (FREIRE, 2004, P.68) salienta que:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem.

O professor tende a tornar-se uma referência para os educandos, à forma como se relaciona com ele determinará sua formação educacional. A relação de afetividade estabelecida entre eles é fundamental para que se sintam inteligentes, capazes e valorizados. Segundo Paulo Freire (1991) ressalta que, ninguém nasce educador ou é marcado para tal. A gente se faz educador, se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática.

É importante ressaltar que, de acordo com Piaget (1971) a afetividade é a energia psíquica que impulsiona o indivíduo para a vida. No entanto, o professor assim como o aluno é um ser humano passível de erro e das mais diversas emoções. A forma como cada um se relacionará com o outro em determinado dia, dependerá do seu estado de humor. Pode ser que por algum motivo específico o professor não esteja bem naquele dia, isso influenciará no relacionamento dele com o aluno. Isso também vale para o aluno.

Esse estado emocional momentâneo, de alegria, tristeza, angústia entre outras, é determinada pelas circunstâncias pessoais do indivíduo, essas inclinações representam seu estado de saúde física e mental. Essas alterações são compreensíveis, já que refletem respostas aos motivos psicológicos do momento vivido.

Não é possível separar o professor e o aluno de seus problemas pessoais. O ideal é que a escola crie condições para que eles sintam-se confortáveis, para que esse estado emocional momentâneo interfira o menos possível no processo de ensino e aprendizagem.

É importante que o professor saiba administrar esse momento, para que ele não dure mais do que necessário para que as “feridas” sejam curadas. Compreendendo que a maturidade emocional também é beneficiada por essas turbulências.

A seriedade com que o professor atua na sua profissão é tão importante quanto à afetividade. Afinal, em nenhuma hipótese a afetividade pode ser confundida com permissividade, caso o seja, o resultado é catastrófico.

Com relação a isso, (FREIRE, 1996, p.159), diz o seguinte:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre *seriedade docente e afetividade*. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. O que não posso permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade.

Quanto maior for a bagagem educativa do educador, melhor será para o seu desempenho profissional, mais rica será sua possibilidade de ensinar, e ainda maior será sua segurança no processo de ensino. Dessa forma, ele saberá separar a afetividade do campo da permissividade.

A afetividade é a relação mais estreita entre educador e educando, é o que torna o processo educativo efetivo. No entanto, não basta somente afetividade, é fundamental que haja também o preparo intelectual por parte do professor, para que possa atender as necessidades do educando.

Cabe ao professor articular os aspectos afetivos e cognitivos, pois em todos os campos de atuação pedagógica do educador a afetividade se faz presente. Desde a preparação da aula, os objetivos, a organização do conteúdo, a

metodologia de ensino, avaliação, todo o processo de ensino esta permeado pela afetividade.

É nessa atuação junto ao educando que o educador durante as atividades pedagógicas qualifica a relação de afetividade estabelecida com o aluno.

Nesse sentido, é possível afirmar que para que ocorra o estabelecimento da relação afetiva é necessário que tanto educador quanto educando estejam dispostos e abertos à essa relação, e tenham em mente o mesmo objetivo, ou seja, o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Embora a criança da educação infantil não saiba exatamente como funciona esse processo, a disponibilidade de aprender e se relacionar com outras pessoas fora do seu núcleo familiar, já cumpre essa função.

Portanto, é na convivência escolar que o professor estabelece e aprofunda a relação de afetividade com o educando. Além disso, é nessa vivência que a afetividade é estimulada. Para se desenvolver plenamente, a criança necessita de estabilidade emocional, isso é o que possibilitará o sucesso da sua aprendizagem.

### **3.4 AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL**

Há muito tempo, diversos pensadores apontaram uma dicotomia entre razão e emoção, como é o caso do filósofo Renè Descartes, com sua famosa afirmação “Penso, logo existo” (DESCARTES, 2000. p. 62). Com esta afirmação ele não apenas sugere a possibilidade de separação entre razão e emoção, propõe a excelência do pensamento.

É importante nesta fase enfatizar a afetividade e cognição sob a ótica de autores como Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon, para melhor compreender o significado da afetividade no desenvolvimento cognitivo infantil.

#### **3.4.1 Teoria do Desenvolvimento de Jean Piaget**

Jean Piaget (1971) em sua teoria do desenvolvimento, concluiu que os organismos vivos podem adaptar-se geneticamente a um novo meio e que existe

também uma relação evolutiva entre o sujeito e seu meio. Isso significa que a criança reconstrói suas ideias e ações segundo suas novas experiências ambientais.

Piaget (1971) elaborou a epistemologia genética, na qual entende o conhecimento como uma construção progressiva de novas formas de organização do real.

O objetivo da Epistemologia Genética seria o de "...pôr a descoberto as raízes das diversas variedades de conhecimento, desde as suas formas mais elementares, e seguir sua evolução até os níveis seguintes, até, inclusive, o pensamento científico". (Piaget 1971, pág. 8).

De acordo com Piaget, o cognitivo está em supremacia em relação ao social e o afetivo. Na concepção construtivista de Piaget, o começo do conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto.

Piaget apud La Taille (1992) afirma que "a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas".

Existem diversas formas de conhecer e aprender, as quais são construídas nas trocas com o objeto de estudo, são organizadas em momentos sucessos de adaptação ao objeto.

A adaptação ocorre por meio da organização, o organismo diferencia os estímulos e sensações, organizando-os em forma de estrutura. A adaptação possui dois mecanismos: assimilação e a acomodação. Segundo Piaget, o conhecimento passa pelo processo de equilíbrio/reequilíbrio entre assimilação e acomodação, ou seja, entre os indivíduos e os objetos do mundo exterior.

A assimilação é a inclusão dos dados da realidade nos esquemas disponíveis no indivíduo, é o processo pelo qual as ideias, pessoas, costumes, idiomas são incorporadas à atividade dele. A criança aprende o idioma, assimila tudo o que ouve, se apropriando desse conhecimento. Já a acomodação é a transformação dos esquemas para assimilar os elementos novos, a criança ouve emite respostas acomodando os sons, e com o passar do tempo começa a falar de forma compreensível.

Para ilustrar essa concepção Piaget (1988, p.30) enfatiza o aprendizado do idioma, dizendo:

Desde que os homens falam, por exemplo, nenhum idioma se implantou por hereditariedade, e é sempre através de uma ação educativa externa do ambiente familiar junto à criancinha que essa aprende a sua língua, tão apropriadamente denominada “materna”. Sem dúvida as potencialidades do sistema nervoso humano tornam possível tal aquisição, negada aos antropóides, e a posse de uma certa ‘função simbólica’ faz parte destas disposições internas que a sociedade não cria mas utiliza; todavia sem uma transmissão social exterior (isto é, em primeiro lugar educativa), a continuidade da linguagem coletiva tornar-se-ia praticamente impossível.

Piaget aponta que o desenvolvimento mental ocorre espontaneamente a partir de suas potencialidades e da sua interação com o meio. O processo de desenvolvimento mental é estabelecidos por estágios: sensório-motora; pré-operatória; operatória-concreta; e operatório-formal.

Segundo ele, não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Ao discutir os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, indica que esses processos também possuem um lado afetivo.

O aspecto afetivo da assimilação é o interesse em assimilar o objeto, já o aspecto cognitivo é a compreensão. Já na acomodação a afetividade esta inserida no interesse pelo objeto novo, enquanto que o aspecto cognitivo está na organização dos esquemas de pensamento ao fenômeno.

Nessa perspectiva, o papel da afetividade é funcional na inteligência, é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para o seu funcionamento.

### **3.4.2 Teoria do Desenvolvimento de Lev Vygotsky**

O psicólogo Lev Vygotsky também estudou as relações entre afeto e cognição. Discorrendo que as emoções integram-se ao funcionamento mental geral, participando ativamente na sua configuração.

Em seu trabalho reconhece que as emoções humanas se desenvolvem sobre bases orgânicas. A linguagem apresenta-se como um lugar de constituição e expressão dos modos de vida culturalmente elaborados.

Vygotsky explica sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico, afirmando que:

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos

simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos. (VYGOTSKY, 1996, p.39)

De acordo com Oliveira (1992), para Vygotsky, o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetiva e volitiva.

Uma das principais ideias de Vygotsky (1987) é a de que os processos mentais superiores são mediados por sistemas simbólicos, como a linguagem. O significado ocupa lugar central em suas análises, uma vez que proporciona a mediação entre o indivíduo e o mundo real e constitui-se no filtro através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele.

Vygotsky (1987) distingue dois componentes do significado da palavra: o "significado" (referente ao sistema de relações objetivas que se forma no processo de desenvolvimento da palavra) e o "sentido" (referente ao significado da palavra para cada pessoa). Este último está relacionado às experiências individuais, em que residem as vivências afetivas. Assim, pode-se ver que no próprio significado da palavra encontra-se uma concretização de sua perspectiva integradora dos aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicológico humano (OLIVEIRA, 1992).

Para Vygotsky (1987), os símbolos são meios que auxiliam e facilitam uma função psicológica superior (atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos, desenvolvimento da vontade, etc), sendo capazes de transformar o funcionamento mental.

De acordo com Vygotsky (1987), ocorrem duas mudanças qualitativas no uso dos signos: o processo de internalização e a utilização de sistemas simbólicos. A internalização é relacionada ao recurso da repetição onde a criança apropria-se da fala do outro, tornando-a sua. Os sistemas simbólicos organizam os signos em estruturas, estas são complexas e articuladas.

Os significados das palavras fornecem a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo, ou seja, como diz VYGOTSKY (1987), é no significado da palavra que a fala e o pensamento se unem em pensamento verbal. Para ele, o pensamento e a linguagem iniciam-se pela fala social, passando pela fala egocêntrica, atingindo a fala interior que é pensamento reflexivo.

A relação entre pensamento e palavra acontece em forma de processo, em um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra e vice-versa.

Segundo Vygotsky (1989), a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento. Todo e qualquer processo de aprendizagem é ensino-aprendizagem, incluindo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre eles. Ele explica esta conexão entre desenvolvimento e aprendizagem através da zona de desenvolvimento proximal (distância entre os níveis de desenvolvimento potencial e nível de desenvolvimento real), um “espaço dinâmico” entre os problemas que uma criança pode resolver sozinha (nível de desenvolvimento real) e os que deverá resolver com a ajuda de outro sujeito mais capaz no momento, para em seguida, chegar a dominá-los por si mesma (nível de desenvolvimento potencial).

### **3.4.3 Teoria do Desenvolvimento de Henry Wallon**

Assim como Piaget e Vygotsky, Wallon (2007) aponta em seus escritos, compartilhar da ideia de que emoção e razão estão conectadas. Ele elabora uma teoria psicogenética para explicar a sua visão sobre a afetividade no processo de desenvolvimento cognitivo do ser humano.

Para Henri Wallon (2007), a evolução afetiva está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, visto que difere entre uma criança e um adulto. A emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos.

Segundo o autor, a construção do sujeito e do objeto com a qual ele construirá seu conhecimento depende da alternância entre afetividade com o modo como o indivíduo vai relacionar o objeto de estudo com o seu cotidiano.

A criança para Wallon (2007) é essencialmente emocional e gradualmente se constitui como um ser sócio-cognitivo. Ele estudou a criança contextualizada, como uma realidade viva e total no conjunto de seus comportamentos, suas condições de existência.

Wallon (2007) também faz uma abordagem fundamentalmente social do desenvolvimento humano. Busca, em sua psicogênese, articular o biológico e o social. Atribui às emoções um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica, funcionando como uma amálgama entre o social e o orgânico.

De acordo com Wallon (2007), há uma distinção entre emoção e afetividade. Segundo o autor, as emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos. Já a afetividade, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos, de origem psicológica e as emoções de origem biológica.

Em sua obra Wallon apresenta a afetividade como um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos. Para ele, é com o aparecimento destes elementos que ocorre a transformação das emoções em sentimentos.

Segundo GALVÃO (2003), Wallon argumenta que as trocas relacionais da criança com os outros são fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. As crianças nascem imersas em um mundo cultural e simbólico, no qual ficarão envolvidas em um "sincretismo subjetivo", por pelo menos três anos. Durante esse período, de completa indiferenciação entre a criança e o ambiente humano, sua compreensão das coisas dependerá dos outros, que darão às suas ações e movimentos formato e expressão.

"meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage" (Wallon, 1971, p. 262).

Assim como Piaget, Wallon também propõe estágios de desenvolvimentos, porém, ele não compartilha da ideia de que a criança cresce de maneira linear. O desenvolvimento humano tem momentos de crise, isto é, uma criança ou um adulto não são capazes de se desenvolver sem conflitos. A criança se desenvolve com seus conflitos internos e, para ele, cada estágio estabelece uma forma específica de interação com o outro, é um desenvolvimento conflituoso.

Em cada fase do desenvolvimento, os aspectos afetivos e cognitivos estão constantemente entrelaçados. Wallon destaca os conceitos de alternância e preponderância funcionais, referindo-se à predominância alternada da afetividade e da cognição nas diferentes fases do desenvolvimento:

"Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação". (Galvão, 1996, p. 45).

Wallon, ressalta que no início do desenvolvimento existe uma preponderância do biológico e após o social adquire maior força. Assim como Vygotsky, Wallon acredita que o social é imprescindível. A cultura e a linguagem fornecem ao pensamento os elementos para evoluir, sofisticar. A parte cognitiva social é muito flexível, não existindo linearidade no desenvolvimento, sendo este descontínuo e, por isso, sofre crises, rupturas, conflitos, retrocessos, como um movimento que tende ao crescimento.

Henri Wallon (1978) afirma que a criança acessa o mundo simbólico por meio das manifestações afetivas que permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. Defende que a afetividade é a fonte do conhecimento.

Pode-se entender que na concepção walloniana a interação afetiva cognitiva motora também está entrelaçada na interação com o meio, uma vez que o indivíduo se movimenta, e reage de acordo com os estímulos que recebe tanto do ambiente como das outras pessoas.

#### **3.4.4. A Afetividade como recurso mediador da aprendizagem**

Observa-se que para Piaget (1990) é o desenvolvimento mental que torna possível o aprendizado. Já para Vygotsky (1987) é o aprendizado que gera o desenvolvimento mental. Como construtivistas, eles estão atentos à natureza social do homem, mas o fato cultural ganha destaque na obra de Vygotsky, enquanto na obra de Piaget é pouco enfatizado.

As concepções de Wallon e Vygotsky sobre cognição e afetividade possuem muitos pontos em comum, principalmente no que se refere à afetividade. Ambos assumem o seu caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para ela, demonstrando cada uma à sua maneira, que as manifestações emocionais de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo simbólico.

Wallon (apud Almeida, 1997, p.51) destaca que, "a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados".

Enquanto Vygotsky (apud Oliveira, 1992, p. 76) defende que o pensamento:

"tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva".

Segundo Machado (1996), o conhecimento do mundo objetivo ocorre quando desejos, interesses e motivações aliam-se à percepção, memória, pensamento, imaginação e vontade, em uma atividade cotidiana dinâmica entre parceiros.

A afetividade apresenta-se como um aspecto interdisciplinar capaz de alterar até mesmo processos biológicos e acentuar-se em qualquer situação em que haja a presença de um ser humano. Isso reforça que a afetividade exerce influência direta nos mecanismos do corpo. Nesse contexto, Luck (1983, p.20) afirma que,

Mesmo tratando-se de comportamento predominantemente psicomotor, como é o caso dos exercícios físicos e da realização de trabalhos manuais, nem por isso deixam de estar menos presentes os componentes afetivo e cognitivo. As emoções fazem com que as glândulas supra-renais sejam estimuladas e lacem na corrente sanguínea maior quantidade de adrenalina, o que estimula o ritmo da respiração e das batidas do coração que, por sua vez, levam o fígado a liberar maior quantidade de glicose para o sangue de maneira a alterar o metabolismo e a possibilitar ao homem maior dispêndio de energia.

Devido à relevância da afetividade para o desempenho integral do indivíduo é preciso valorizá-la investindo esforços na sua promoção, pois ela se apresenta como decisiva no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, Luck (ibidem 1983, p. 11) ressalta que:

"deve-se dar especial atenção ao desenvolvimento afetivo dos educandos, visto que o funcionamento total do organismo, em qualquer momento e circunstancia, envolve uma significativa e indissociável parcela de sentimentos e emoções".

Cabe ressaltar que afetividade está presente em todos os campos da vida, em todos os aspectos do conhecimento, e assim também no processo de ensino e aprendizagem.

A afetividade exerce influência sobre a aprendizagem e a facilita. Nos momentos informais ou de descontração, o educando aproxima-se do educador, trocando experiências, expressando seu ponto de vista e fazendo questionamentos, fato que contribui para a construção do conhecimento. Dessa forma, o professor deve sempre estar aberto ao diálogo e atitudes que favoreçam o aprendizado de seus alunos, mantendo com eles um bom relacionamento.

O autoritarismo não deve ser usado pelo professor em sua prática educativa, aliar o seu conhecimento à afetividade em sala de aula, pois os educandos reagirão psicologicamente de acordo com o tratamento a eles direcionados. A esse respeito Marchand (1985, p. 18) diz:

“o conteúdo da psicologia afetiva da criança é, frequentemente, resultado da posição sentimental do mestre: o autoritário provocará o medo inibitório no aluno; o que procura se fazer amar provocará na criança reações de complacência; aquele que se mostra maldoso despertará sentimentos e atitudes de oposição que levarão a uma educação contrária à desejada”.

A afetividade estimula a criança a alcançar seus objetivos e a ter êxito em seu processo de aprendizagem, por isso, deve estar presente em seu cotidiano escolar, pois envolve atenção, carinho, respeito e interesse, logo quando existe uma relação de troca, o processo de ensino e aprendizagem será efetivamente produtivo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade é um dos aspectos fundamentais para que o educando obtenha sucesso em sua aprendizagem. No que se refere ao professor ela também é essencial para que ele conquiste uma sensação de missão cumprida em relação ao seu trabalho como educador.

Pode-se dizer que a ausência de afeto ou recebimento deficiente dele pode causar transtornos psicológicos no educando que o acompanharão por toda a vida. Indivíduos que excluem por opção ou não a afetividade de suas vidas tornam-se apáticas e sem emoção diante das circunstâncias.

Tanto educadores como pais, admitem o quão importante é a afetividade para a formação do ser humano. No entanto, para a aprendizagem ela é primordial, nesse processo complexo todas as variantes afetivas e cognitivas exercem um papel fundamental para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, devem ser respeitadas e incentivadas durante a educação escolar.

Educandos que não recebem o devido afeto de seus familiares podem apresentar comportamento inadequado na escola. Se no ambiente escolar também não o receber podem ter esse comportamento agravado e reproduzido na sociedade, gerando assim, uma reação em cadeia. Porém, se na escola o professor consegue estabelecer uma relação afetiva com esse educando ele fará a diferença na vida dele, evitando essas alterações comportamentais e sociais desse indivíduo.

Ante ao que foi exposto, pode-se afirmar que a afetividade é de extrema importância para a saúde mental de todos os seres humanos. Pessoas com doenças emocionais podem desenvolver doenças físicas, além disso, este estado psicológico afeta o desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo, pois este é um todo composto de matéria física e emocional. Sendo assim, a escola deve proporcionar ao educando o desenvolvimento da sua afetividade integralmente, considerando todas as suas emoções e reações, incentivando a troca de sentimentos, para que este se torne um adulto com autoestima e segurança emocional. O professor exerce um papel fundamental nesse processo, tornando a relação afetiva entre professor e aluno algo de suma importância para sua aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. (1997) **A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 13, n<sup>o</sup> 2, p. 239-249, mai/ago.

BUENO, Marcelo Cunha. **As Coisas que o Afeto Ensina**. São Paulo, 01julho 2011. Disponível em: <http://marcelocunhabueno.blogspot.com.br/2011/07/as-coisas-que-o-afeto-ensina.html>. Acesso em 22 ago. 2013.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DELL'AGLI, B.; BRENELLI, R. A afetividade no jogo de regras. In: Sisto, F.; Martinelli, S. **Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 1.ed. São Paulo: Vetor, 2006. p.32.

DESACARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000 (Coleção Os Pensadores).

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom. 1994.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 7<sup>a</sup>.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003. (Educação e conhecimento).

HILLAL, Josephina. **Relação professor – aluno: formação do homem consciente**. São Paulo: Paulinas, 1985.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: Edufal, 2002.

LA TAILLE, Yves de. **O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget**. In: **Piaget, Vigotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LUCK, Heloísa – CARNEIRO, Dorothy Gomes. **Desenvolvimento afetivo na escola: Promoção, medida e avaliação.** Rio de Janeiro. Vozes Ltda, 1983.

MIELNIK, Isaac. **A criança na escola; higiene mental da criança escolar.** 3ª edição. São Paulo: Edart. 1967.

MACHADO, M. L. A. **Educação infantil e sócio-interacionismo, em Oliveira, Z. M. R. (org.). Educação Infantil, muitos olhares.** São Paulo: Cortez. 1996.

MARCHAND, Marx. **A Afetividade do Educador.** São Paulo: Summus, 1985.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **O problema da afetividade em Vygotsky.** In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, J. **A epistemologia genética.** Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

PIAGET, J. **Para Onde Vai a Educação?** Rio de Janeiro: José Olympo , 9ª edição, 1988.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie.** Edição bilíngüe. Paraula, 1994.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SOUZA, Iracy Sá de. **Psicologia: a aprendizagem e seus problemas.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia Pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. **Teoria e método em psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget.** São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **As Origens do Caráter na Criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

WALLON, Henri. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

.